

Coluniana
Cachuan Popular
capítulo IV

Selma
do
Coco

Selma do Coco

<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/selma-do-coco.asp>

Biografia

Pernambucana de Vitória de Santo Antão, Selma Ferreira da Silva viveu no interior até os dez anos, quando travou contato com as festas juninas e as músicas da região, como o coco de roda. Mudou-se com a família para o Recife, casou-se, teve 14 filhos e ficou viúva aos 30 anos, quando foi viver em Olinda. Lá trabalhava como vendedora de tapioca, e nos horários de folga começou a promover rodas de coco em seu quintal, que ganharam fama e a fizeram viajar para se apresentar em eventos e casas de espetáculos. Em 1996 participou do badalado festival Abril Pro Rock, que provocou uma guinada radical em sua carreira artística. O "hit" que impulsionou o sucesso foi "A Rolinha", gravada por outros artistas e muito executada no carnaval de 97. Foi convidada a se apresentar em São Paulo e de lá para a Europa, notadamente a Alemanha, onde fez diversos shows. Em 1998 a Paradoxx lançou o disco "Minha História", também lançado na Europa.

Discografia

Discos de carreira

- MINHA HISTÓRIA (1998) • CD

Selma do Coco

Selma Ferreira da Silva, fez do Coco - ritmo típico da música nordestina - sua herança, sendo reconhecida mundialmente pela beleza de sua música. Fazendo jus à criatividade tipicamente brasileira, Dona Selma, a "Rainha do Coco" teve passagem meteórica pelo Festival Lincoln Center, em New York, e pôde se orgulhar de ser a única cantora brasileira a participar do Festival de Jazz em New Orleans. Com o apoio do Ministério da Cultura, já divulgou a música brasileira também na França, Bélgica, Espanha, Suíça, Portugal e Alemanha. Em terras germânicas, no Studio Ufa Fabrik, Dona Selma teve seu disco "Cultura Viva" gravado e mixado. Nestes países, a música da 'Rainha do Coco' não é somente recordação, podendo ser encontrada em CDs feitos especialmente para admiradores de world music.

UnB homenageia Selma do Coco

19/ 04/ 2002 - reconhecimento

Cantora recebe placa pelo trabalho realizado na valorização e difusão da cultura popular brasileira

A Universidade de Brasília prestou homenagem a Dona Selma do Coco na sexta-feira, dia 19 de abril, no anfiteatro 09. A cerimônia contou com a presença da Decana de Assuntos Comunitários, Thérèse Hofmann, do professor Buhumil Med e do vice-reitor, professor Timothy Mulholland, que entregou uma placa à Rainha do Coco em reconhecimento ao trabalho de valorização e difusão da cultura popular brasileira com a dança do coco.

Cerca de 200 pessoas acompanharam a cerimônia, que ainda teve a participação de grupos culturais como Flor de Babaçu e Calango Alado. No final, a homenageada cantou uma música do novo CD, Jangadeiro e deu uma palhinha do que iria acontecer no show à noite, no Centro Comunitário da UnB.

Ornil Junior/UnB Agência

Todos os textos e fotos podem ser utilizados e reproduzidos desde que a fonte seja citada. Textos: UnB Agência. Fotos: nome do fotógrafo/UnB Agência.

Coco

Folclore que resiste na batida da MPB

Silvio Essinger

http://www.cliquemusic.com.br/br/Generos/Generos.asp?Nu_Materia=7

Dança tradicional do Nordeste e do Norte, cuja origem é discutida: há quem acredite que tenha vindo da África com os escravos, e há quem defenda ser ela o resultado do encontro entre as culturas negra e índia. Apesar de mais freqüente no litoral, o coco teria surgido no interior, provavelmente no Quilombo dos Palmares, a partir do ritmo em que os cocos eram quebrados para a retirada da amêndoa. A sua forma musical é cantada, com acompanhamento de um ganzá ou pandeiro e da batida dos pés. Também conhecido como samba, pagode ou zambê (quando é tocado no tambor de mesmo nome), o coco originalmente se dá em uma roda de dançadores e tocadores, que giram e batem palmas. A música começa com o tirador de coco (ou coqueiro), que puxa os versos, respondidos em seguida pelo coro. A forma é de estrofe-refrão, em compassos 2/4 ou 4/4.

Muitas são as variações do coco espalhadas pelo Nordeste: agalopado, bingolé, catolé, de roda (um dos mais primitivos), de praia, de zambê, de sertão, desafio, entre outros. Muitos deles caíram em desuso, por causa das influências culturais urbanas e da repressão das autoridades (há um grau de erotismo embutido nas danças), mas ainda são praticados nas festas juninas. Um dos cocos mais populares é o de embolada, que se caracteriza pelas curtas frases melódias repetidas várias vezes em cadência acelerada, com textos satíricos (quase sempre improvisados, em clima de desafio) onde o que importa é não perder a rima.

Um dos artistas mais célebres do coco foi o paraibano Jackson do Pandeiro, que começou acompanhando a mãe nos cocos tocando zabumba. Sua carreira fonográfica começou em 1953, em Recife, com o coco Sebastiana, o primeiro de muitos que viria a gravar, acabando por tornar o estilo (e tantos outros da música nordestina) conhecido no Sudeste. Mais tarde, nomes como Bezerra da Silva e Genival Lacerda também se valeriam do gênero. Celebrado por muitos dos artistas da MPB, como Gal Costa (que gravou Sebastiana), Gilberto Gil e Alceu

Valença, o coco seria redescoberto nos anos 90 em Recife, pela via do manguê beat, através do trabalho de grupos como Chico Science & Nação Zumbi e Cascabulho. Eles chamaram a atenção para artistas recifenses contemporâneos, mais próximos da raiz musical, como Selma do Coco, Lia de Itamaracá e Zé Neguinho do Coco.

COCO

<http://www.fundaj.gov.br/docs/pe/pe0008.html>

Dança típica das regiões praijeiras é conhecida em todo o Norte e Nordeste do Brasil. Alguns pesquisadores, no entanto, afirmam que ela nasceu nos engenhos, vindo depois para o litoral. A maioria dos folcloristas concorda, no entanto, que o coco teve origem no canto dos tiradores de coco, e que só depois transformou-se em ritmo dançado. Há controvérsias, também, sobre qual o estado nordestino onde teria surgido, ficando Alagoas, Paraíba e Pernambuco como os prováveis donos do folguedo.

O coco, de maneira geral, apresenta uma coreografia básica: os participantes formam filas ou rodas onde executam o sapateado característico, respondem o coco, trocam umbigadas entre si e com os pares vizinhos e batem palmas marcando o ritmo. É comum também a presença do mestre "cantadô" que puxa os cantos já conhecidos dos participantes ou de improviso. Pode ser dançado calçado ou descalço e não precisa de vestuário próprio. A dança tem influências dos bailados indígenas dos Tupis da Costa e também dos negros, nos batuques africanos. Apresenta, a exemplo de outras danças tipicamente brasileiras, uma grande variedade de formas, sendo as mais conhecidas o coco-de-amarração, coco-de-embolada, balamento e pagode.

Os instrumentos mais utilizados no coco são os de percussão: ganzá, bombos, zabumbas, caracaxás, pandeiros e cuícas. Para se formar uma roda de coco, no entanto, não é necessário todos estes instrumentos, bastando as vezes as palmas ritmadas dos seus participantes. O coco é um folguedo do ciclo junino, porém é dançado também em outras épocas do ano. Com o aparecimento do baião, o coco sofreu algumas alterações. Hoje os dançadores não trocam umbigadas, dançam um sapateado forte como se estivessem pisoteando o solo ou em uma aposta de resistência. O ritmo contagiante do coco influenciou muitos compositores populares como Chico Science e Alceu Valença, e até bandas de rock pernambucanas. O sucesso de Dona Selma do Coco, acompanhada por gente de todas

as idades, mostra a importância do velho ritmo, que vem sendo resgatado no Nordeste do Brasil.

Fontes consultadas:

- BRINCANTES. Recife: PCR. Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000. p.104-107.
- LIMA, Claudia. História junina. Recife: PCR. Secretaria de Turismo, 1997. Edição especial, p.18.
- PIMENTEL, Altimar de Alencar. O coco praieiro: uma dança de umbigada. 2.ed. João Pessoa: UFPB. Ed. Universitária, 1978.
- RIBEIRO, José. Brasil no folclore. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Aurora, 1970. P.403-404

Irreverente eco dos Palmares

POR GILSON OLIVEIRA

<http://www.pandeiro.pro.br/curiosidade-selma.html>

Uma das vencedoras do Sharp 99, cantora tempera com malícia um ritmo cujas origens remontam ao mais famoso quilombo brasileiro.

Dona de uma irônica e contagiante risada, Selma do Coco começou a sentir um gostinho de fama há cerca de três anos, QUANDO LANÇOU A MÚSICA "A ROLINHA", que se transformou em surpreendente sucesso, sendo muito cantada até no Carnaval de 97 e regravada por vários artistas e grupos.

Mas o registro que alcançou repercussão nacional, abrindo espaços em programas como Jô Soares Onze e Meia e Domingão do Faustão, foi feito pela própria Selma, que, por ser mulher e, principalmente, idosa, deixou muita gente boquiaberta com os versos da música: "Oi pega, pega, pega, / pega, pega a minha rola".

Selma do Coco é hoje a mais conhecida representante de uma vertente meio satírica, meio maliciosa, de UM RITMO CUJAS ORIGENS REMONTAM AO QUILOMBO DOS PALMARES, NO SÉCULO XVII.

Naquela época, ao saírem para apanhar os frutos dos coqueiros, os negros reuniam-se em grupos na hora de quebrá-los - colocando-os sobre uma pedra e batendo neles com outra - e terminaram criando o que se poderia chamar de um dos primeiros "naipes" de percussão do Brasil. E como a música estava na alma e no corpo dos africanos e descendentes, sempre havia durante os "cocos" pessoas dispostas a dançar. O resultado é que o trabalho sempre terminava em festa. Nas senzalas, o ritmo, antes marcado pelas batidas das pedras nos cocos, passou a ser assinalado por palmas.

Nascida em Vitória de Santo Antão, a cerca de 60 quilômetros do Recife, Selma Ferreira da Silva começou a dançar e cantar coco ainda criança, seguindo uma tradição familiar iniciada há gerações e gerações. "Eu ia junto com meus pais e meus avós dançar o coco em lugares às vezes distantes de casa. Mas valia a pena, porque todo mundo gostava muito", diz ela, assumindo um ar brincalhão ao lembrar

que a festa normalmente acontecia em frente a "uma casa velha coberta e palha de coqueiro e toda arrudiada de candeeiro de pavio".

Atualmente com 64 anos e vibrando com o sucesso que vem experimentando o Coco de Roda - assim chamado porque os pares de dançarinos formam um círculo -, Dona Selma do Coco, no entanto, já "ralou" muito, como diz uma gíria atual significando que a pessoa enfrentou dificuldades. No caso dela, a palavra ralar tem um sentido literal, porque ralou muito coco para produzir as tapiocas que, durante anos, vendeu no Alto da Sé, no Varadouro, na Ribeira e noutros pontos de Olinda, cidade onde reside desde 1958.

Nesse locais, Selma procurava "vender" um outro produto cujo nome também está associado à tapioca: o coco, mas precisamente, o Coco de Roda. O interessante é que, sem que a própria cantora suspeitasse, um dia ela iria servir o produto "a domicílio" àquelas pessoas que constituíam o seu principal público: os turistas que visitavam Olinda.

O fato é que a artista - cujo conjunto formado por filhos e netos mostra que o coco é um verdadeiro e eterno membro da família - há pouco tempo fez extensa excursão por palcos internacionais, se apresentando na Suíça, Portugal, França e Alemanha. Nesse último país participou, a convite do Instituto Cultural de Berlim, do disco "Herdeiros da Noite", dividindo o CD com grupos africanos e de outros países. Foi também na Alemanha, no studio Ufa Fabrik (por onde já andou o Maracatu Nação Pernambuco), que ela mixou e prensou mil exemplares do seu último disco, Cultura Viva.

Praticamente emendando a cheia agenda junina com a apresentações em Brasília, onde realiza uma série de shows nessa primeira quinzena de julho, Selma do Coco já está se preparando para, ao chegar, iniciar um nova "viagem": a gravação do seu quinto disco. Ainda sem nome, o CD será gravado no Recife. Mas, EMBALADA PELA CONQUISTA DO SHARP, ELA ESTÁ PLANEJANDO VOLTAR A VENDER SEU PRODUTO A ALEMÃES E POVOS DE OUTROS PAÍSES. SÓ QUE, AO CONTRÁRIO DO QUE ACONTECIA EM OLINDA, ELA MESMA É QUE SERÁ A "TURISTA

culhuna

Selma do Coco

Selma do
Coco

<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/selma-do-coco.asp>

Biografia

Pernambucana de Vitória de Santo Antão, Selma Ferreira da Silva viveu no interior até os dez anos, quando travou contato com as festas juninas e as músicas da região, como o coco de roda. Mudou-se com a família para o Recife, casou-se, teve 14 filhos e ficou viúva aos 30 anos, quando foi viver em Olinda. Lá trabalhava como vendedora de tapioca, e nos horários de folga começou a promover rodas de coco em seu quintal, que ganharam fama e a fizeram viajar para se apresentar em eventos e casas de espetáculos. Em 1996 participou do badalado festival Abril Pro Rock, que provocou uma guinada radical em sua carreira artística. O "hit" que impulsionou o sucesso foi "A Rolinha", gravada por outros artistas e muito executada no carnaval de 97. Foi convidada a se apresentar em São Paulo e de lá para a Europa, notadamente a Alemanha, onde fez diversos shows. Em 1998 a Paradoxx lançou o disco "Minha História", também lançado na Europa.

Discografia

Discos de carreira

- MINHA HISTÓRIA (1998) • CD

Cultura

Selma
do Coco

Irreverente eco dos Palmares

POR GILSON OLIVEIRA

<http://www.pandeiro.pro.br/curiosidade-selma.html>

Uma das vencedoras do Sharp 99, cantora tempera com malícia um ritmo cujas origens remontam ao mais famoso quilombo brasileiro.

Dona de uma irônica e contagiante risada, Selma do Coco começou a sentir um gostinho de fama há cerca de três anos, QUANDO LANÇOU A MÚSICA "A ROLINHA", que se transformou em surpreendente sucesso, sendo muito cantada até no Carnaval de 97 e regravada por vários artistas e grupos.

Mas o registro que alcançou repercussão nacional, abrindo espaços em programas como Jô Soares Onze e Meia e Domingão do Faustão, foi feito pela própria Selma, que, por ser mulher e, principalmente, idosa, deixou muita gente boquiaberta com os versos da música: "Oi pega, pega, pega, / pega, pega a minha rola".

Selma do Coco é hoje a mais conhecida representante de uma vertente meio satírica, meio maliciosa, de UM RITMO CUJAS ORIGENS REMONTAM AO QUILOMBO DOS PALMARES, NO SÉCULO XVII.

Naquela época, ao saírem para apanhar os frutos dos coqueiros, os negros reuniam-se em grupos na hora de quebrá-los - colocando-os sobre uma pedra e batendo neles com outra - e terminaram criando o que se poderia chamar de um dos primeiros "naipes" de percussão do Brasil. E como a música estava na alma e no corpo dos africanos e descendentes, sempre havia durante os "cocos" pessoas dispostas a dançar. O resultado é que o trabalho sempre terminava em festa. Nas senzalas, o ritmo, antes marcado pelas batidas das pedras nos cocos, passou a ser assinalado por palmas.

Nascida em Vitória de Santo Antão, a cerca de 60 quilômetros do Recife, Selma Ferreira da Silva começou a dançar e cantar coco ainda criança, seguindo uma tradição familiar iniciada há gerações e gerações. "Eu ia junto com meus pais e meus avós dançar o coco em lugares às vezes distantes de casa. Mas valia a pena, porque todo mundo gostava muito", diz ela, assumindo um ar brincalhão ao lembrar

que a festa normalmente acontecia em frente a "uma casa velha coberta e palha de coqueiro e toda arrudiada de candeeiro de pavio".

Atualmente com 64 anos e vibrando com o sucesso que vem experimentando o Coco de Roda - assim chamado porque os pares de dançarinos formam um círculo -, Dona Selma do Coco, no entanto, já "ralou" muito, como diz uma gíria atual significando que a pessoa enfrentou dificuldades. No caso dela, a palavra ralar tem um sentido literal, porque ralou muito coco para produzir as tapiocas que, durante anos, vendeu no Alto da Sé, no Varadouro, na Ribeira e noutros pontos de Olinda, cidade onde reside desde 1958.

Nesse locais, Selma procurava "vender" um outro produto cujo nome também está associado à tapioca: o coco, mas precisamente, o Coco de Roda. O interessante é que, sem que a própria cantora suspeitasse, um dia ela iria servir o produto "a domicílio" àquelas pessoas que constituíam o seu principal público: os turistas que visitavam Olinda.

O fato é que a artista - cujo conjunto formado por filhos e netos mostra que o coco é um verdadeiro e eterno membro da família - há pouco tempo fez extensa excursão por palcos internacionais, se apresentando na Suíça, Portugal, França e Alemanha. Nesse último país participou, a convite do Instituto Cultural de Berlim, do disco "Herdeiros da Noite", dividindo o CD com grupos africanos e de outros países. Foi também na Alemanha, no studio Ufa Fabrik (por onde já andou o Maracatu Nação Pernambuco), que ela mixou e prensou mil exemplares do seu último disco, Cultura Viva.

Praticamente emendando a cheia agenda junina com a apresentações em Brasília, onde realiza uma série de shows nessa primeira quinzena de julho, Selma do Coco já está se preparando para, ao chegar, iniciar um nova "viagem": a gravação do seu quinto disco. Ainda sem nome, o CD será gravado no Recife. Mas, EMBALADA PELA CONQUISTA DO SHARP, ELA ESTÁ PLANEJANDO VOLTAR A VENDER SEU PRODUTO A ALEMÃES E POVOS DE OUTROS PAÍSES. SÓ QUE, AO CONTRÁRIO DO QUE ACONTECIA EM OLINDA, ELA MESMA É QUE SERÁ A "TURISTA